



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTE E CULTURA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Vinícius Jose Amaro dos Santos

Verdade e ceticismo em Da Experiência (III, xiii) : a prática
ensaística e a afirmação da dúvida constante

Ouro preto

2026

Vinícius Jose Amaro dos Santos

Verdade e ceticismo em Da Experiência (III, xiii) : a prática
ensaística e a afirmação da dúvida constante

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
curso de Filosofia da Universidade Federal de
Ouro Preto como um dos requisitos para
obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Olímpio Jose Pimenta
Neto

Ouro Preto

2026



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Vinícius José Amaro dos Santos

Verdade e ceticismo em "Da experiência": a prática ensaística e a afirmação da dúvida constante

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel

Aprovada em 04 de agosto de 2026

Membros da banca

Dr. Olímpio José Pimenta Neto - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dr. Guilherme Araújo Cardoso - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dr. Gabriel Geller Xavier - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Olímpio José Pimenta Neto, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 01 de outubro de 2026.



Documento assinado eletronicamente por **Olimpio Jose Pimenta Neto, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 01/10/2026, às 16:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1206194** e o código CRC **BB447924**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.012737/2026-18

SEI nº 1206194

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: (31)3559-1728 - www.ufop.br

RESUMO

Traçando o caminho proposto por Montaigne no ensaio Da experiência (III, xiii), pretende-se explorar o tema da dúvida ensaística e da pesquisa experimental como alternativas epistêmicas e morais à tradição filosófica demonstrativa. Busca-se, ainda, pensar o papel do ceticismo e da afirmação da dúvida constante na construção montaigniana de um pensamento irreverente. Tenciona-se, dessa forma, apontar o pensamento de Montaigne como inconclusivo e, por isso, bem-sucedido em seu próprio objetivo.

Palavras-chave: ceticismo; experiência; ensaio; dúvida

ABSTRACT

Tracing the path proposed by Montaigne in the essay Of Experience (III, xiii), this article explores the theme of essayistic doubt and experimental inquiry as epistemic and moral alternatives to the demonstrative philosophical tradition. It also examines the role of skepticism and the affirmation of continual doubt in Montaigne's construction of an irreverent mode of thought. In this way, the article argues that Montaigne's philosophy is essentially inconclusive and, for that reason, successful in achieving its own aim.

Keywords: skepticism; experience; essay; doubt

1. Introdução

O desejo pela verdade unifica as buscas humanas em suas formas mais diversas. Em meio à inconstância da natureza e à pluralidade de opiniões, os seres humanos se vêem imersos em uma multiplicidade de avaliações esparsas e distintas, sobre a qual, em última análise, busca-se, através da racionalidade, formas de verificar o real e falsear o enganoso. As demandas variadas que constituem a experiência humana têm, como guia, o desejo pela separação entre o verdadeiro e o falso, isto é, por trás das mais diversas caçadas está o anseio pela caracterização da verdade. Hegemonicamente, os pensadores buscam atingir tal caracterização de maneira exaustiva, ou seja, através de um procedimento universal e demonstrativo cuja finalidade última é dar forma à verdade demonstrada. Tem-se, no entanto, filósofos que conduziram procedimentos avessos a essa ambição, orientando suas pesquisas diversamente: dentre eles, Michel de Montaigne constitui uma figura singular pela engenhosidade de seu procedimento.

Montaigne, nesse sentido, compõe uma parte expressiva da pesquisa experimental, isto é, contribui significativamente para uma visão terrena da investigação da realidade. Celso Azar Filho, em seu artigo *Método e Estilo, Subjetividade e Conhecimento nos Ensaios de Montaigne*, ressalta a importância dessa prática:

Experiência e pesquisa são atividades simultâneas e sinônimas no ensaio. O ceticismo montaigniano é um chamado à pesquisa e ao experimentar constante de seus resultados. É em um estado dubitativo positivo - provocador e estimulante da investigação - que devemos nos acercar da filosofia montaigniana, porquanto o ensaísta exige nossa ação e nosso engajamento para nos permitir acompanhá-lo. (AZAR, 2012, p. 561)

Isso, em suma, nos mostra que o filósofo busca a pesquisa constante, isto é, a experimentação das mudanças à medida que ocorrem. Não há um esboço prévio dos resultados almejados, tampouco um plano estável acerca dos passos a serem seguidos. Criação e experimentação se confundem no procedimento de Montaigne, dando forma à simultaneidade entre pensamento e ação. Longe de ansiar a imutabilidade dos resultados, o ensaísta guia sua prática a partir de uma disposição à experiência, visando, majoritariamente, compor uma investigação contínua e irreverente. Azar nos diz que “o ensaio é uma maneira de procurar e experimentar – e por aí mesmo de criar –, e não uma exibição de verdades tidas por

garantidas e imutáveis” (AZAR, 2012, p. 562). Da mesma forma, indica que “a construção do sentido não cabe ao autor de antemão, assim como ao leitor não resta apenas captá-lo: o ensaio serve como um meio ou processo de revelação e formação simultâneos” (AZAR, 2012, p. 576).

É perceptível, portanto, que a condução experimental da investigação contribui para uma visão instável da realidade, isto é, favorece mais a impermanência da verdade do que sua fundamentação sobre princípios invariáveis. Nesse sentido, nota-se que a ambição por uma prova racional dá lugar ao anseio por uma disposição à experiência. Ora, o ensaísta nos diz que “a semelhança não unifica na mesma proporção em que a dessemelhança diversifica” (MONTAIGNE, 2016, p. 980) e, sendo assim, convém mais o esforço à investigação constante do que a ambição à fundamentação exaustiva da verdade.

Sendo assim, exploraremos o papel do ensaio “*Da experiência*” na constituição dessa disposição à pesquisa constante, isto é, da busca pela observação da instabilidade da natureza e da pluralidade de opiniões como expediente do exercício ensaístico. Tentaremos, assim, indicar as diferentes formas de liberdade que emergem da pesquisa experimental, sugerindo a convergência entre pensamento e ação no estudo reflexivo da realidade.

2. “Cada pé requer um sapato, cada caso sua solução” (MONTAIGNE, 2016, p.981)

Em referência à caça ao saber, Montaigne nos diz: “Trata-se de um movimento irregular, perpétuo, sem molde e sem objetivo, cujas invenções se estimulam, se sucedem e se criam mutuamente” (MONTAIGNE, 2016, p. 984). Essa afirmação, em linhas gerais, comporta algumas características importantes do ambiente racional desenvolvido pelo ensaísta. Em contraposição à busca da exaustividade como guia da pesquisa demonstrativa, Montaigne, de saída, indica que a investigação da verdade deve ser constante e sem objetivo final, eliminando a necessidade de uma fronteira última para a condução do estudo racional. Isso, em suma, cria a possibilidade de sustentar o exame da realidade sem a exigência de, como ponto de partida, fundamentá-la sobre princípios invariáveis. Quer dizer, contrariamente à pesquisa demonstrativa, Montaigne atribui à experiência um caráter formador primordial que fundamenta a pesquisa da verdade. Em outras palavras, a experiência

age como guia para tais movimentos irregulares, dando uma forma subjetiva à inconstância da natureza e estruturando, individualmente, juízos acerca da pluralidade de opiniões humanas.

Ora, à medida que a caça ao saber tem como guia a experiência, cabe notar que a pesquisa experimental é imperfeita. Montaigne constata que “tudo comporta alguma semelhança, mas a identidade com um dado exemplo nunca é absoluta; conseqüentemente, a relação inferida da experiência é sempre imperfeita” (MONTAIGNE, 2016, p. 985). O desenvolvimento da investigação, portanto, não provém da fixação de resultados necessários, mas, ao contrário, da emergência do livre pensamento. Nesse sentido, convém indicar que, para tanto, as liberdades epistêmica e moral aparecem como conseqüências diretas da atenção à experiência como mentora intelectual.

Em certa medida, a observação da inconstância da natureza e da pluralidade de opiniões fornecem condições de possibilidade de crença e conhecimento, antes de tudo, efêmeras e individuais. Sendo assim, cumpre notar que, como liberdade epistêmica, entende-se o comedimento em relação à demonstrabilidade da verdade, e, assim, a conveniência da experiência subjetiva como critério avaliador. Da mesma forma, entende-se, da liberdade moral, a percepção da dependência entre as avaliações morais e o filtro da individualidade, isto é, considera-se que, dada a multiplicidade de perspectivas, cabe atribuir à subjetividade a origem dos juízos individuais.

A natureza inconstante, assim, é vista enquanto produtora de diferentes perspectivas. Quer dizer, Montaigne, como observador assíduo, encontra, na experiência perceptiva, razões para exercitar a dúvida constante, isto é, motivos para ver, na subjetividade, a verdadeira origem dos critérios que dão forma às tentativas de prova racional. Convém, assim, diluir a expectativa de fundamentar a realidade sobre princípios invariáveis, caracterizando-a, diversamente, como ambiente para o exercício da dúvida e atenção à experiência. Azar nos diz que:

A dúvida ensaística não é, como a dúvida metódica cartesiana, um teste atento das ideias para atingir certezas inabaláveis, mas implica certa distinção e *nonchalance*. [...] Partindo da experiência comum de que nossa razão normalmente não é natural ou divinamente inspirada, o ensaísta realça nossa relação mais imediata, banal e cotidiana com o mundo, e por aí com nossa humanidade. (AZAR, 2012, p. 573)

Essa relação imediata e cotidiana com o mundo dá forma ao pensamento de Montaigne, conduzindo seu exercício filosófico à noção de que “Cada pé requer um sapato,

cada caso sua solução” (MONTAIGNE, 2016, p. 981). Em um ambiente racional dessa natureza, há espaço para a emergência do livre pensamento e de uma disposição irreverente o suficiente para o cultivo da liberdade epistêmica e moral condizentes com a dúvida ensaística. Essa, contrária à dúvida metódica, manifesta-se como exercício prático, isto é, como modo de trazer ao cotidiano, sob o domínio da experiência, as questões inquietantes da filosofia. A curiosidade individual, nesse sentido, ganha um papel significativo na pesquisa da verdade, e esta, da mesma forma, tem, como ambiente propício à investigação, a percepção imediata da natureza.

Quer dizer, realidade e sujeito coincidem como objetos da pesquisa experimental, isto é, na investigação exercida por Montaigne, natureza e indivíduo se criam mutuamente, formando, em última análise, uma convergência entre a pesquisa da verdade e a prática filosófica do exame de si. O filósofo diz:

Estudo-me a mim mesmo mais do que qualquer outra coisa e esse estudo constitui toda a minha física e a minha metafísica [...]. Nesse grande todo abandono-me despreocupado e ignorante à grande lei geral que rege o mundo; conhecê-la-ei suficientemente quando lhe sentir os efeitos. (MONTAIGNE, 2016, p. 987)

Dada essa relação imediata entre indivíduo e mundo, convém pensar o modo como, dela, emerge o ceticismo de Montaigne, particularmente, no que concerne à convergência entre dúvida e experiência.

3. “As coisas mais vulgares e comuns” (MONTAIGNE, 2016, p. 995)

Richard Popkin formula o desenvolvimento cético que sucede a dúvida ensaística da seguinte maneira:

Em todos os campos da investigação intelectual, segundo ele [Montaigne], os filósofos finalmente tiveram que confessar sua ignorância, ou inabilidade de chegar a qualquer conclusão definida e definitiva. Mesmo na lógica, paradoxos como o do "Mentiroso" minam a nossa confiança. Pior ainda, mesmo os pirrônicos acabam se perdendo no caos dos empreendimentos intelectuais humanos, porque se afirmam, em conclusão a seu exame das opiniões, que duvidam, então terão afirmado algo de positivo que conflita com suas dúvidas. (POPKIN, 2000, p. 96-97)

Notavelmente, o exercício cético tem, como ponto de tensão da investigação acerca do problema do critério de verdade, a oposição de proposições contraditórias. A linguagem que emerge da dúvida constante, é caracterizada, assim, a partir do argumento da *diaphonia*: um juízo sobre determinado evento do mundo tem, sempre, o seu contrário como igualmente plausível. Logo, uma proposição nunca deve ser tida como definitiva, à medida que, oposta a ela, há uma afirmação passível de justificação racional. Sendo assim, a dúvida constante do ceticismo se manifesta como consequência da impossibilidade de determinar, exaustivamente, um juízo fundamental.

Popkin ressalta, então, que “ao chegar a este ponto, Montaigne se encontra agora pronto para a questão filosófica central, a evidência pirrônica de que se deve duvidar de tudo” (POPKIN, 2000, p. 97). Curiosamente, a dúvida hiperbólica montaigniana se realiza na prática ensaística. Precisamente por não se fixar em certezas fundamentais, o filósofo abre espaço para o surgimento de um empreendimento maleável, irreverente e continuamente distinto. Azar sublinha que tal empresa “não tem formas fixas e cujos meios devem sempre ser reinventados de acordo com as circunstâncias; o que não significa de maneira nenhuma proceder desordenadamente” (AZAR, 2012, p. 574). A experiência, assim, se desdobra como a ordem que concede unidade aos Ensaios. Enquanto caminho para a reiteração da dúvida, o exercício experimental é a forma do ensaísta pesquisar e, ativamente, intervir na relação entre sujeito e mundo. Do mesmo modo, Azar diz que o exercício ensaístico:

Não se propõe como um caminho entre sujeito e objeto, porém como uma forma de estudar a maneira pela qual estes se relacionam em se constituindo reciprocamente; significa a experiência de retratar tal processo nele intervindo, ou de intervir, retratando. (AZAR, 2012, p. 576)

É nessa medida, portanto, que a convergência entre ceticismo e experiência ocorre. A prática da *diaphonia* e o exercício ensaístico como dúvida hiperbólica se unem para dar forma a uma racionalidade ativa, isto é, à atividade investigativa cujo guia é o encontro entre a observação constante e o compromisso racional. Sobre essa prática, sempre conjunta ao exame filosófico de si, Montaigne nos diz:

Nossa vida, como a harmonia dos mundos, é composta de elementos contrários e tons variados: doces e estridentes, agudos e surdos, frágeis e graves; que partido deles tiraria o músico que gostasse de uns e renegasse os outros? Cumpre-lhe empregá-los todos e

misturados. Assim devemos fazer com os bens e os males que são parte integrante de nossa vida; nosso ser só é possível com essa mistura. (MONTAIGNE, 2016, p. 1002)

Para além do exercício da dúvida metódica como modo de conferir uma unidade fundamental à miscelânea percebida pela observação constante, cabe à experiência a formação de uma racionalidade baseada em “elementos contrários” (2016, p. 1002) e em “tons variados” (2016, p. 1002). Tal racionalidade emerge das “coisas mais vulgares e comuns” (2016, p. 995), fornecendo a base conceitual para o aprendizado constante e sem finalidade última. O testemunho de fenômenos corriqueiros ganha espaço em um plano conceitual dessa natureza. Sendo assim, convém observá-los atentamente e, tendo em vista as liberdades moral e epistêmica, formar juízos e crenças a partir de uma subjetividade em eterna construção. Para Montaigne:

Não há como admitirmos que careçamos de autoridade para dar crédito ao nosso testemunho, pois entendo que as coisas mais vulgares e comuns poderão, se soubermos esclarecê-las, colocar-nos em presença dos maiores milagres da natureza e fornecer-nos os mais maravilhosos exemplos, em particular se nos referirmos às ações humanas. (MONTAIGNE, 2016, p. 995)

Nesse sentido, a experimentação substitui a demonstração e, com isso, confere à vida um papel central na pesquisa da verdade. Da mesma forma, faz do ensaio a linguagem da dúvida hiperbólica proveniente do exercício cético. Para Azar:

O ensaísta não apenas pretende demonstrar logicamente a verdade no plano conceitual, mas experimenta os caminhos até esta: suas formas, critérios e histórias. O meio desta experiência é a vida, e a linguagem ensaística constitui seu lugar privilegiado porque aponta para além de si mesma. E por isso mesmo esta se torna o meio em que se oferece o mundo, ao pôr em questão a interação entre o eu e a realidade, examinando a formação da subjetividade em seu vir a ser racional. (AZAR, 2012, p. 577)

4. “Não encontro nelas senão vento” (MONTAIGNE, 2016, p. 1016)

Seguindo o caminho da dúvida ensaística, Montaigne se pergunta sobre as “vantagens específicas da vida”. É espantoso, a princípio, que, na relação entre sujeito e mundo, pouco, ou nada, se encontre de estabilidade e solidez. A vaidade é constatada, portanto, como

característica constitutiva da condição humana: dela, emerge a descrição de um ser instável e demasiadamente seduzido por fantasias oníricas a respeito de si e constantemente iludido por idealizações relativas à sua própria racionalidade. Montaigne, exercitando-se na arte da conferência, compara o ser humano ao vento, tendo por horizonte, sempre, a possibilidade de descrever a vida a partir da experimentação:

Aplicando-me a analisar de perto as vantagens específicas da vida, não encontro nelas senão vento. Como se espantar? Haverá em nós outra coisa? Entretanto, mais sábio do que nós, o vento compraz-se em se agitar e mover, contentando-se com seu próprio ofício, sem desejar a estabilidade e a solidez que não são qualidades suas. (MONTAIGNE, 2016, p. 1016)

Da pesquisa experimental, portanto, emerge uma caracterização antropológica que não se constrange em apresentar seres “intelectualmente sensíveis e sensivelmente intelectuais” (MONTAIGNE, 2016, p. 1017). Quer dizer, a sensibilidade humana à mudança e os devaneios que constituem a expectativa de grandeza racional não são tomadas de saída. Montaigne não fornece um diagnóstico que, a princípio, pressupõe a instabilidade. Tudo isso, todas as ilusões, fantasias e desejos impossíveis são constatações da pesquisa experimental. Não funcionam como alicerces previamente estabelecidos, e, sim, como consequências de um projeto que, constantemente, se renova, dando prova de sua plausibilidade à medida que ocorre. “Não encontro nelas senão vento” (2016, p. 1016) é, portanto, a constatação imediata proveniente da dúvida ensaística. Despido de expectativas grandiosas e guiado pelo ceticismo, Montaigne percebe tal similaridade e não hesita em tomá-la como uma percepção plausível. Em suma, a analogia com o vento é o resultado de um método experimental ativo, destituído de fundamentação exaustiva e de aspiração à verdade universal. Azar descreve o experimentalismo ensaístico, em seu texto *Novo mundo, novo homem*, da seguinte maneira:

Um perspectivismo em que cada um dos pontos de vista expressos experimenta exprimir as maneiras pelas quais no particular reluz o universal para daí demonstrar sua possibilidade em ato. Nosso conhecimento verdadeiro do mundo é presente, ativo, orgânico e daí “natural”. (AZAR, 2012, p. 168)

Da mesma forma, indica que “é justamente por isso que não há aí nenhuma espécie de pressuposição: há, sim, um projeto cuja própria exequibilidade confirmará ou não sua plausibilidade” (AZAR, 2012, p. 168). Sendo assim, pode-se tomar a verdade como aspecto mutável da realidade. Estando ela mais próxima do vento do que da solidez, Montaigne sugere

que o deleite com a agitação e o movimento são características da sabedoria, justamente por representarem um conhecimento ativo e próximo à constatação imediata do “natural”. Nesse sentido, a pesquisa da verdade mais se assemelha ao estilo ziguezagueante dos Ensaios do que à expectativa de elevação e avanço positivo das pesquisas demonstrativas. Quer dizer, existe, aqui, um desejo de adequação ao que a experiência mostra, emergindo, dele, a vontade de suficiência e de apreço por aquilo que é presente e vulgar. Montaigne nos diz, assim, que “a grandeza de alma consiste menos em se elevar e avançar do que em se ordenar e se circunscrever. Grande é tudo o que é suficiente; e há mais elevação em amar as coisas comuns do que as eminentes” (MONTAIGNE, 2016, p. 1019).

Longe de tomar essa atitude como conclusiva, o filósofo tem como direcionamento principal uma percepção alegre e bem-disposta à vida. Montaigne, afinal, é um *bon vivant* que, antes de tudo, vê como males maiores ao espírito a desatenção e o desdém à existência. Compraz-se em observar as atitudes alheias e, delas, retratar o que observa daqueles que desprezam a vida:

Deixam-na passar, esquivam-se, ignoram-na como se fosse coisa nociva e desprezível. Eu porém penso de outro modo, acho-a agradável e valiosa mesmo em seus últimos momentos. A natureza no-la deu em condições tão favoráveis que somente por nossa culpa pode tornar-se pesada e inútil. [...] Preparo-me, contudo, para perdê-la sem queixas, porque isso está na ordem das coisas e não porque ela me seja penosa e importuna; aliás, quem se compraz na vida não teme deixá-la. (MONTAIGNE, 2016, p. 1020)

Isso traz a filosofia de volta aos domínios humanos, isto é, torna-a terrestre e instável como o vento que encontra nas “vantagens específicas da vida” (2016, p. 1016). Não há firmeza no ar, tampouco elevação naquilo que é transcendente. Justamente por isso a pesquisa filosófica deve ser experimental, mutável e desprovida de apelos grandiosos e ambiciosos. Assim, buscar a prática filosófica em terrenos distantes da vida humana configura, aos olhos de Montaigne, uma louca obsessão:

As pessoas obcecadas por essa ideia de separar o corpo do espírito, de se tornarem diferentes e de deixar de ser homens não passam de loucos; não se transformam em anjos e sim em feras; em lugar de se elevarem, abaixam-se. Esses homens transcendentais apavoram-me. (MONTAIGNE, 2016, p. 1024)

Para adequar-se à condição humana, convém exercitar-se na dúvida ensaística e na pesquisa experimental, isto é, nas constantes e frustradas tentativas que caracterizam a busca pela verdade. Para apreciar a existência e tomá-la como útil e agradável, convém examiná-la com olhos fragmentados, isto é, destituídos de aspirações universais e, principalmente, conscientes de suas debilidades. Para o ensaísta, portanto, “as mais belas vidas são, penso, as que se adaptam ao modelo geral da existência humana, as mais bem ordenadas e de que se excluem o milagre e a extravagância”. (MONTAIGNE, 2016, p. 1025)

5. Conclusão

Tentando expor o que entende por uma existência digna, Montaigne traz a prática filosófica para um ambiente incerto. É estranho pensar a viabilidade da realização da filosofia em um terreno irregular, onde a verdade, mesmo que ponto de fuga da pintura montaigniana, não é admitida como passível de caracterização exaustiva. Nesse sentido, convém pensar sobre o que de fato o ensaísta escreve. Sabemos, no início, que é ele mesmo a matéria de seu livro; sabemos, no final, que a dúvida ensaística e a pesquisa experimental dão forma a seu expediente. O que tirar dos Ensaaios (2016), afinal? O que pensar sobre a possibilidade de filosofar em um ambiente intelectual instável, constantemente mutável e aparentemente contraditório? Como exercitar-se em um ceticismo que se mistura à conservação dos costumes? Nos adverte, em relação ao seu livro, “este ensopado de frases aqui jogadas algo confusamente” (MONTAIGNE, 2016, p. 993), que este pode ser muito útil, “conquanto façam o contrário do que disse e eu mesmo fiz” (2016, p. 993). O texto montaigniano é, portanto, estonteante: é difícil, ao leitor, entender com clareza o que está sendo dito; é confuso interpretá-lo tendo em vista, unicamente, um julgamento racional.

Em algum sentido, no entanto, essa disposição à representação de uma “ingenuidade física e moral” (MONTAIGNE, 2016, p. 39) parece condizente com os esforços de conduzir uma pesquisa cuja duração é idêntica à do sujeito que orienta o empreendimento. Montaigne nos previne que “nossas investigações só chegarão ao fim no outro mundo” (MONTAIGNE, 2016, p. 983); investigações essas que, antes de tudo, partem da experiência e da dúvida ensaística, onde ambas dão prova de sua plausibilidade conforme que são reiteradas. O objeto de estudo, portanto, parece ser o modo como o sujeito que ensaia se coloca no mundo. O

ensaio como tentativa, isto é, como reafirmação da incerteza, é o instrumento através do qual esse sujeito se realiza e se adequa à instabilidade experienciada. Nesse sentido, ensaiar é a prática de deixar as perguntas em aberto e, delas, reconhecer uma ignorância comum aos seres humanos. Relembrando, assim, a inscrição ateniense em homenagem a Pompeu, o filósofo propõe que “és tanto mais divino quanto reconheces que és apenas um homem”. (MONTAIGNE, 2016, p. 1024)

Referências bibliográficas:

- AZAR FILHO, Celso Martins. Novo mundo, novo homem. In: SOUZA FILHO, José Alexandrino de (org.). Montaigne e seu Tempo. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 165–187.
- AZAR FILHO, Celso Martins. Método e estilo, subjetividade e conhecimento nos Ensaios de Montaigne. In: Kriterion: Revista de Filosofia, Volume: 53, Número: 126. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2012. p. 569 - 578.
- MONTAIGNE, M. de. Ensaios. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Editora 34, 2016.
- POPKIN, R. História do ceticismo: de Erasmo a Espinosa. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.